

**A utopia feminista de Charlotte Perkins Gilman: uma análise de sentimentos em
Moving the Mountain****Charlotte Perkins Gilman's feminist utopia: a sentiment analysis in Moving the
Mountain**

**Raquel Saar Rodrigues
Rogério de Souza Sergio Ferreira**

RESUMO: Uma análise do romance *Moving the Mountain*, utopia feminista da autora estadunidense Charlotte Perkins Gilman, publicado em 1911, é colocada em prática no presente artigo. No nosso entender, os sentimentos demonstrados pelo narrador John Robertson ao longo de sua jornada auxiliam o leitor a compreender a sociedade utópica em que vive. Elaborou-se o mapeamento das emoções do protagonista com a técnica denominada “Análise de Sentimentos”, recurso que também permite enquadrar a obra de Gilman no contexto teórico de uma utopia ecofeminista, à luz dos preceitos de Johns (2010), na consideração de que no mundo imaginado ocorre a extinção tanto da misoginia quanto da exploração ambiental.

Palavras-chave: Ecofeminismo. Charlotte Perkins Gilman. Literatura de Utopia. Análise de Sentimentos. Ecocrítica.

ABSTRACT: An analysis of the novel *Moving the Mountain*, feminist utopia by the American writer Charlotte Perkins, published in 1911, is carried out in the present article. In our point of view, the feelings shown by the narrator John Roberts throughout his journey help the reader to understand the utopic society in which he lives. The mapping of the emotions experienced by the protagonist was done with a tool named “Sentiment Analysis”, resource that also allows the observer to frame Gilman’s work in the theoretical context of an ecofeminist as understood by Johns (2010), considering that in the imagined world an extinction of both misogyny and environmental exploitation take place.

Keywords: Ecofeminism. Charlotte Perkins Gilman. Utopian Literature. Sentiment Analysis. Ecocriticism.

Introdução

Em *Moving the Mountain*, romance da autora estadunidense Charlotte Perkins Gilman, acompanhamos a jornada de John Robertson, personagem principal e narrador, em seu retorno aos Estados Unidos, após 30 anos perdido nas montanhas do Tibete. Ao ser resgatado por sua irmã, aos 55 anos, ele descobre que, nos anos em que ficou fora, o país passou por grandes mudanças, motivadas inicialmente pelo “despertar das mulheres”, que passaram a compreender o seu papel essencial na sociedade e agir de acordo com ele. Essas mudanças levaram a uma alteração social completa de forma que

o país foi totalmente transformado: não há mais pobreza, o trabalho é obrigatório para todos por duas horas diárias, sendo que a maioria trabalha quatro, a educação é vista como prioridade e todos são felizes. Ao longo do romance, John vai sendo apresentado aos diferentes aspectos dessa nova sociedade, que divergem de sua visão patriarcal do mundo, causando um conflito interno no personagem, que se esforça para se encaixar na sociedade que passa a conhecer ao mesmo tempo em que não a comprehende de forma plena (Gilman, 2011).

O romance de Gilman foi publicado pela primeira vez em 1911, sendo considerado uma obra de utopia feminista da autora (Booker, 1994). O gênero utopia, inaugurado com o romance homônimo de Thomas More em 1516, caracteriza-se pela presença de uma crítica social daquilo que a realidade é, combinado com uma sugestão do que ela pode ser, ou seja, o conceito do autor de uma sociedade ideal (Madhusudana, 2018). Segundo Vieira (2010), a utopia possui como característica mais importante o desejo de uma vida melhor, motivado pelo descontentamento do autor em relação à sociedade na qual vive. A literatura de utopia, além de apresentar um mundo ideal, precisa seguir uma narrativa específica que acompanha a jornada de um personagem a um lugar desconhecido onde ele geralmente recebe orientações sobre a vida naquele local, passando a conhecer sua organização social, política, econômica e religiosa (Vieira, 2010).

De acordo com Madhusudana (2018), no início do século XX, as utopias tinham ênfase nos direitos humanos, na igualdade e na democracia, tendo se tornado um meio de popularizar princípios econômicos e políticos ideais. Nesse aspecto, as utopias convergiram com o movimento feminista, que se voltou às visões utópicas para expressar seus desejos por uma sociedade mais justa e igualitária (Johns, 2010). A obra de Gilman, publicada inicialmente em 1911, encaixa-se nesse contexto de grandes mudanças para as mulheres e fala diretamente e de forma acessível sobre um problema que ocupava um lugar central nas discussões do feminismo nos EUA, movimento no qual a autora teve uma participação importante: a desigualdade entre os gêneros, causada em grande parte pela dependência financeira das mulheres em relação aos homens (Tuttle; Kessler, 2011).

No presente artigo, pretendemos discutir o romance *Moving the Mountain* enquanto uma utopia feminista partindo do pressuposto de que o olhar do narrador John Robertson nos proporciona o contraponto entre a sociedade imaginada por Gilman

e a sociedade real na qual a autoria vivia. Ademais, iremos fazer uso da "Análise de Sentimentos", uma técnica de Processamento de Linguagem Natural (PLN), na crença de que tal abordagem traz significativas contribuições para a compreensão do texto literário.

Metodologia

Para estudar o romance *Moving the Mountain* e chegar aos objetivos propostos, utilizamos a metodologia da literatura "vista de longe" (*distant reading*), com a Análise de Sentimentos do personagem principal, John Robertson, combinada à leitura cerrada do texto (*close reading*). Uma vez que inexiste tradução da obra de Gilman para a língua portuguesa, recorremos a uma edição do romance publicada em 2011, em inglês, idioma original.

Segundo Moretti (2008), a literatura vista de longe é uma metodologia de estudo literário que busca encontrar padrões, tendências e movimentos em quantidade considerável de obras ao longo de anos, décadas ou mesmo séculos. Tal abordagem implica o uso de ferramentas computacionais, na consideração de que a capacidade humana de leitura e interpretação é limitada. Um levantamento da frequência de palavras, por exemplo, permite observar a quantificação e a visualização dos vocábulos empregados, abrindo a possibilidade de detectarmos padrões e nuances que passariam despercebidos na metodologia tradicional de análise, usualmente levada a cabo por meio da leitura cerrada. A metodologia propagada por Moretti permite gerar gráficos, quadros e tabelas que, combinados à análise qualitativa do texto, podem auxiliar na interpretação dos modelos encontrados. É importante dizer que Moretti utiliza essa abordagem por meio de estudos que abrangem um *corpus* literário extenso, nos quais grande número de obras são detalhadamente esmiuçadas. A título de exemplo, afirmamos com tranquilidade que um levantamento pormenorizado do tamanho dos parágrafos e do uso da pontuação por parte de romancistas em determinado período literário seria inexequível ou duraria muito tempo, caso conduzido na forma tradicional de investigação. O auxílio de softwares específicos encontrados na ciência da computação agrupa e dispõe dados em segundos, processo que indubitavelmente posiciona o pesquisador de modo favorável diante do seu objeto de investigação, o que, conforme

destaca Sergio Ferreira (2024), abre caminho para investigações que nem sempre são possíveis por meio das abordagens tradicionais.

Cumpre-nos informar que o emprego da metodologia divulgada por Moretti não implica exclusividade no trato do objeto a ser escrutinado. É perfeitamente viável, como iremos demonstrar no presente trabalho, que técnicas utilizadas na literatura “vista de longe” caminhem ao lado da tradicional leitura cerrada. Investigar as oscilações afetivas enfrentadas por John Robertson em sua jornada na obra de Gilman confere visibilidade à dicotomia utopia *versus* realidade, o que significa um entendimento mais preciso entre o imaginado pelo narrador e o que aparentemente falta ou é motivo de críticas na sociedade em que Gilman vivia.

Não obstante a existência de *softwares* e de programas específicos aptos a detectar o tom emocional no texto literário, decidimos realizá-lo de forma manual e qualitativa, a partir de uma leitura atenta (*close reading*) do romance, frisando todos os sentimentos mencionados e/ou demonstrados pelo narrador ao longo dos capítulos. A escolha pela coleta manual dos dados se deve ao fato de que muitas vezes a máquina não é capaz de captar algumas sutilezas das emoções descritas na obra, tornando a leitura humana mais confiável no registro dessas. Ao longo da leitura, os sentimentos positivos foram pontuados em +1 ou +2 e os negativos em -1 ou -2, sendo as notas -2 e +2 atribuídas àqueles mais intensos. Após apontar as emoções que apareceram ao longo da leitura, atribuímos uma nota para cada um dos doze capítulos do romance, a partir do somatório da pontuação de todos os sentimentos destacados no trecho. Com esses valores e com o auxílio da ferramenta de planilhas eletrônicas *Google Sheets*, elaboramos um quadro, detalhando a nota, os sentimentos e o tema abordado em cada capítulo, e construímos também um gráfico para permitir a visualização dos sentimentos de John Robertson e de sua evolução ao longo do romance *Moving the Mountain*.

Adicionalmente à literatura vista de longe, realizamos a análise literária tradicional do texto, a partir de uma leitura cerrada, o que permitiu interpretar a representação gráfica gerada na Análise de Sentimentos à luz da teoria da literatura de utopia e, especialmente, discutindo os resultados encontrados com os apontamentos apresentados por Johns (2010).

Resultados

Ao longo da leitura do romance, registramos um total de 62 sentimentos, sendo 34 negativos e 28 positivos. As emoções positivas identificadas foram admiração, alegria/felicidade e satisfação, ao passo que confusão, desconfiança, medo, raiva, ressentimento e tristeza se qualificaram pelo aspecto negativo. A partir do levantamento, elaboramos o Quadro 1, apresentando, para cada capítulo da obra, o principal tema abordado, os sentimentos reconhecidos e sua nota. Em seguida, com base no quadro elaborado e com o auxílio da ferramenta de planilhas eletrônicas *Google Sheets*, construímos o gráfico da Análise de Sentimentos de John Robertson, conforme apresentado no Figura 1. A escolha pelo gráfico de linhas se justificou pela possibilidade de, a partir dele, analisar os sentimentos de John Robertson de forma contínua, o que permite avaliar sua evolução ao longo da narrativa.

Capítulo	Principal tema do capítulo	Sentimentos Positivos	Sentimentos Negativos	Nota dos Sentimentos
1	Apresentação dos personagens John e Nellie	-	Confusão Desconfiança Medo Ressentimento	-4
2	Viagem de navio de volta aos EUA	Alegria	Confusão Desconfiança Medo Tristeza	-3
3	Chegada aos EUA	Alegria Satisfação	Desconfiança Medo Tristeza	2
4	Explicações sobre alimentação	Admiração Alegria Satisfação	Confusão Desconfiança	1
5	Esclarecimentos a respeito do papel das mulheres na sociedade	Alegria	Desconfiança Raiva Ressentimento Tristeza	-4
6	Considerações acerca do trabalho e da erradicação da pobreza	-	Confusão Ressentimento	-2

7	Descrições dos aspectos relacionados à vida no meio rural	Admiração	Confusão Tristeza	0
8	Relatos sobre a infraestrutura do país	Admiração Alegria	Raiva Ressentimento	-1
9	Explicações sobre a educação das crianças	Admiração Alegria Satisfação	Ressentimento	3
10	Informações no que diz respeito ao avanço social	Admiração Satisfação	Ressentimento	2
11	Descrições relativas à nova religião	Alegria	Raiva	1
12	Confronto entre passado e presente (John visita a casa do tio)	Alegria Satisfação	Tristeza	3

Quadro 1: Apresentação dos sentimentos de cada capítulo do romance *Moving the Mountain*. Elaborado pelos autores (2025).

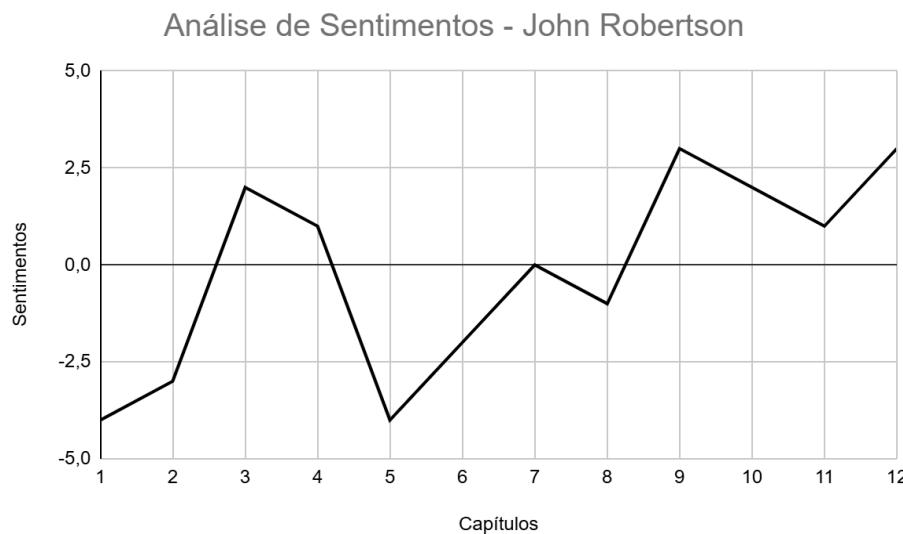


Figura 1: Gráfico de linhas representando a Análise de Sentimentos do narrador John Robertson. Elaborado pelos autores (2025)

Na Figura 1, é possível visualizar as informações descritas no Quadro 1 de forma mais clara e enxergar a evolução dos sentimentos de John no transcorrer de sua jornada. Verifica-se que, no início do romance, quando John reencontra sua irmã no Tibete e em sua viagem de volta aos EUA (capítulos 1 e 2), seus sentimentos são negativos, marcados pelo luto pelo tempo e pela juventude perdidos, confusão e desconfiança em relação ao

que Nellie lhe relatou sobre as mudanças ocorridas no país enquanto ele estava ausente. No terceiro e quarto capítulos, as emoções de John são influenciadas pelo encantamento que sente com as mudanças que encontra à primeira vista (limpeza da cidade, despoluição do rio e do ar) e pela enorme alegria que experencia ao conhecer os sobrinhos e o cunhado quando chega aos EUA. No quinto capítulo, há uma queda acentuada nos sentimentos do narrador. Nesse trecho do romance, John recebe as explicações sobre o despertar das mulheres, como isso influenciou os papéis de gênero e como a sociedade foi alterada nos trinta anos em que ele ficou fora em relação às funções ocupadas por homens e mulheres. A partir do sexto capítulo, as emoções de John começam a se tornar menos negativas, à medida que ele passa a receber mais explicações sobre a nova sociedade, incluindo sobre questões relacionadas ao trabalho, à infraestrutura do país e ao desenvolvimento das áreas rurais. No capítulo nove, quando John conhece a educação das crianças, suas emoções assumem um tom otimista, marcando o pico dos sentimentos positivos do personagem. Nos últimos capítulos, há uma leve oscilação, mas os sentimentos permanecem positivos até o fim do romance.

Discussão

Para entender de forma mais abrangente como os sentimentos de John Robertson e sua jornada ajudam a compreender a crítica de Gilman em *Moving the Mountain*, é preciso considerar o lugar ocupado pela obra como uma literatura de utopia. Vieira (2010) argumenta que as utopias surgem a partir da observação que os autores fazem da sociedade na qual vivem, notando os aspectos que precisam ser alterados, de acordo com suas experiências pessoais, e imaginando um lugar no qual esses problemas foram resolvidos. Sendo assim, “a utopia deve então ser vista como uma forma de atitude, como um tipo de reação a um presente indesejável e uma vontade de superar todas as dificuldades pela imaginação de alternativas possíveis¹” (Vieira, 2010, p. 7, tradução própria). Dessa forma, é possível compreender, então, a utopia de Gilman, expressa em *Moving the Mountain*, como uma reação à sociedade na qual a autora estava inserida no início do século XX e como uma crítica às questões relacionadas aos papéis de gênero

¹ “Utopia is then to be seen as a matter of attitude, as a kind of reaction to an undesirable present and an aspiration to overcome all difficulties by the imagination of possible alternatives” (Vieira, 2010, p. 7).

que se encontravam em debate no movimento feminista, do qual a autora era parte importante.

Segundo Johns (2010), o imaginário utópico tem sido crucial para o feminismo devido a três motivos: a igualdade de gênero nunca ter existido de fato, de forma que ela precisa ser imaginada para se tornar um objeto de pensamento consciente e de discussão e as utopias fornecem essa experiência de pensamento; o feminismo possuir um alcance político, econômico e social limitado de modo que a representação literária e artística sobre o futuro que o movimento feminista almeja consiga torná-lo mais compreensível para a população em geral; e as utopias terem dado ao feminismo um percurso socialmente viável para alcançar os objetivos desejados. As utopias feministas, portanto, trazem aspectos inspirados no movimento feminista, possuindo características em comum que as aproximam. Johns (2010) listou cinco dessas características, as quais ela considera como as mais importantes e que podemos identificar na obra *Moving the Mountain*, corroborando o fato de o romance ser uma utopia feminista. São eles:

i. A educação e o desenvolvimento intelectual são vistos como pontos centrais para o empoderamento feminino.

Na sociedade utópica de *Moving the Mountain*, a educação é vista como a chave para a transformação da sociedade. As mudanças de atitude que John observa e que são essenciais para possibilitar a existência de uma sociedade como a descrita no romance se devem ao fato de que tal contexto formava pessoas melhores a partir da educação: "Então você me mostra essa nova educação maravilhosa, que resulta em novos tipos de pessoas, pessoas melhores, mais sábias, mais livres, mais fortes, mais corajosas; e eu posso ver isso em ação"² (Gilman, 2011, pp. 95-96, tradução própria). Essa nova educação apresenta-se como um resultado da reformulação completa do sistema educacional, levando em conta o fato de que crianças são uma classe permanente e os cidadãos mais importantes da sociedade. Dessa forma, os profissionais responsáveis pelo cuidado e pela educação passaram a ser pessoas altamente capacitadas e bem remuneradas, conforme Nellie explica a John no nono capítulo:

² "Then you show me this marvellous new education, as resulting in new kinds of people, better people, wiser, freer, stronger, braver; and I can see that at work" (Gilman, 2011, pp. 95-96).

É uma posição tão importante quanto ser reitor da Universidade de Harvard - ela disse - e é mais bem remunerada do que costumava ser. Nossas melhores pessoas se preparam para esse trabalho. Algumas delas são verdadeiros gênios. Todos os bebês, veja bem, todos eles, recebem o benefício da melhor sabedoria que temos³. (Gilman, 2011, p. 80-81, tradução própria)

Outra característica importante da educação das crianças é o fato de não haver nenhuma diferença entre a educação de meninos e de meninas, o que permite na conjuntura da obra a igualdade entre os gêneros desde a infância. Tal questão pode parecer pouco relevante nos dias atuais quando, ao menos em nosso país, Brasil, o acesso das crianças às escolas ocorre independentemente do gênero e todas são ensinadas dentro das mesmas disciplinas e dos mesmos conteúdos. No entanto, no contexto no qual a autora viveu, enquanto meninos recebiam uma educação preparatória para o ensino superior, as meninas, mesmo nas escolas mistas, recebiam uma educação voltada para ciências e economia domésticas e a preparação para a maternidade (Madigan, 2009). Ao levar esse fato em consideração, é possível perceber que a diferença de educação entre os gêneros revela-se um ponto importante da crítica social da obra, assim como a resolução desse problema na utopia da autora anuncia-se como uma inovação relevante.

Além da educação das crianças, existe no romance a reeducação de adultos estrangeiros que desejam viver no país. John, não sendo exatamente um estrangeiro, mas uma pessoa nova naquela sociedade, passa por essa mesma reeducação e guia o leitor durante tal processo. Durante o seu aprendizado, recebe orientações de pessoas diversas, especialmente de sua irmã, e, de forma bastante didática, cada capítulo do livro aborda um tema sobre a nova estrutura social, consoante ao apresentado no Quadro 1. Na Análise de Sentimentos do narrador, representada no gráfico da Figura 1, cabe observar que, no capítulo nove, no qual John recebe as explicações sobre as alterações ocorridas no sistema educacional e tem a oportunidade de apreciar em primeira mão como se sucede a instrução das crianças, suas emoções atingem um pico positivo, marcado por admiração, alegria e satisfação. Isso mostra que o aprendizado sobre a educação possui um destaque na reeducação de John e, portanto, demonstra sua importância na utopia feminista imaginada por Gilman.

³ "It's as big a place as being head of Harvard College," she said, "and better paid than that used to be. Our highest and finest people study for this work. Real geniuses, some of them. The babies, all the babies, mind you, get the benefit of the best wisdom we have" (Gilman, 2011, pp. 80-81).

ii. A natureza humana é vista como adaptável, ou seja, ela pode ser alterada e levar a uma modificação comportamental do indivíduo.

Em *Moving the Mountain*, o que deu origem à mudança social e que levou à sociedade utópica descrita no livro foi o despertar das mulheres, ou seja, um processo de conscientização coletiva feminina sobre suas capacidades e seus direitos. Esse despertar levou as mulheres a reconhecerem o seu potencial em contribuir para a sociedade de maneira plena e igualitária, de modo a agirem nessa direção. Ao tomarem conhecimento de sua subordinação e ao se organizarem, as mulheres começaram a se educar e a exigir melhores condições de trabalho, de educação e de vida social, envolvendo-se ativamente na política, no trabalho e em todas as áreas da sociedade, promovendo, assim, uma nova perspectiva e equilíbrio para o mundo. Essa nova compreensão sobre o papel da mulher na sociedade fica muito clara no diálogo que ocorre entre John e seu cunhado no capítulo 5:

- A grande mudança à qual Nellie está sempre se referindo significa apenas que as mulheres “acordaram” para a compreensão do fato de que elas são seres humanos.
- O que elas eram antes?
- Apenas seres femininos.
- Seres humanos femininos, é claro - eu disse.
- Sim, um pouco humanos, mas principalmente femininos. Agora elas são principalmente seres humanos. Essa é uma grande diferença⁴ (Gilman, 2011, p. 42-43, tradução própria).

As mudanças comportamentais das mulheres após o seu despertar levaram os homens a também alterarem seu comportamento. Assim, questões que eram vistas como naturais aos homens deixaram de ser assim consideradas, como, por exemplo, a bebida e a caça esportiva. Foram essas as modificações que, na realidade, transformaram a sociedade. Tais questões, que surgem no quinto capítulo da obra, foram as mais difíceis de serem enfrentadas por John, o que fica claro ao observarmos que seus sentimentos atingem um pico negativo nesse trecho (Figura 1). No entanto, mesmo com dificuldade em aceitá-las no início, com a reeducação e com o aprendizado, John acaba por alterar sua natureza, o que fica nítido no gráfico, com a curva crescente formada a partir do

⁴ “The big change which Nellie is always referring to means simply that women ‘waked up’ to a realization of the fact that they were human beings.” “What were they before, pray?” “Only female beings.” “Female human beings, of course,” said I. “Yes; a little human, but mostly female. Now they are mostly human. It is a great change” (Gilman, 2011, pp. 42-43).

capítulo cinco, demonstrando que para a autora, de fato, a natureza humana é plástica e adaptável.

iii. A transformação na sociedade ocorre aos poucos, sendo iniciada pela modificação comportamental individual de seus cidadãos.

O despertar das mulheres e a subsequente mudança comportamental dos homens resultaram em reformas sociais profundas, que promoveram igualdade de gênero, melhorias na educação, no trabalho e na saúde pública e uma reestruturação das funções tradicionais ocupadas por homens e mulheres, todas descritas por Gilman como essenciais para o progresso de uma sociedade mais justa e avançada. Tal renovação ocorreu ao longo de trinta anos e ainda não está finalizada, como apontam os personagens em diversos trechos da obra.

A jornada de renascimento⁵ de John, na qual ele precisa superar a perda dos trinta anos em que ficou desaparecido, reencontrar seu lugar no mundo remodelado e, ao mesmo tempo, compreendê-lo, é uma forma de interpretar o percurso de transformação que a sociedade precisa atravessar para ser modificada em direção às melhorias que são o objeto de desejo utópico. A Análise de Sentimentos do narrador facilita ao investigador o entendimento deste processo como uma evolução a partir da mudança na natureza humana, representada no capítulo cinco, a partir do qual John questiona as alterações com as quais se depara, mas ao conhecê-las passa a enxergar seus benefícios, integrando-se à sociedade, ao final da obra. Sua conversão, como indivíduo, sucedeu-se aos poucos, assim como ocorrem as transformações que a sociedade exige para tornar-se melhor.

iv. O meio natural não humano é visto como dinâmico e não um recebedor inerte dos impulsos humanos.

Em *Moving the Mountain*, as mudanças ocorridas no meio natural são imediatamente percebidas pelo narrador em sua chegada aos Estados Unidos e se refletem em seus sentimentos positivos no terceiro capítulo do livro. John demonstra alegria e satisfação ao ver o ar da cidade limpo e o rio despoluído: “Olhe a água! -

⁵ Segundo Booker (2004), a jornada de renascimento de um personagem consiste em uma narrativa na qual o protagonista passa por uma crise profunda e, depois, renasce figurativamente, recuperando-se e adquirindo uma nova consciência de si mesmo ou do mundo, retornando transformado.

exclamei, de repente - Está limpa!"⁶ (Gilman, 2011, p. 26, tradução própria). A falta da poluição sonora da qual ele se lembrava igualmente é algo que o surpreende positivamente. Além dessas alterações, ao longo da narrativa, John descobre que não existem mais zoológicos, nem animais de estimação, e a caça, tanto esportiva quanto de subsistência, foi proibida. Tais questões comprovam uma crítica da autora em relação à forma como a natureza era vista em seu contexto social, a qual se perpetua até hoje, ou seja, como um produto a ser explorado pelo homem. Conforme Nellie explica para John, sobre o motivo para não existirem mais zoológicos, "Nossa visão de educação mudou, veja bem, - ela respondeu - além de nossa visão da relação dos seres humanos com os animais e, também, nossas ideias sobre o prazer. As pessoas não sentem mais prazer em ver animais sofrendo"⁷ (Gilman, 2011, p. 59, tradução própria).

Além das questões relacionadas à poluição e aos animais, há no romance a descrição de um cuidado intenso com a realização de uma agricultura sustentável, sem causar erosão do solo e mantendo de pé as florestas naturais:

Veja bem, no tipo de agricultura que tínhamos antes, a primeira coisa que fazíamos era derrubar a floresta, cavar e queimar o solo, além de ará-lo e limpá-lo bem, para depois plantar nossas pequenas gramíneas. Todo aquele solo seco, solto e descoberto ficava vulnerável e exposto à chuva que, aos poucos, o levava embora. Em uma única forte tempestade, o solo, que demorou séculos de crescimento da floresta para se formar, era levado embora para obstruir rios e portos. De repente, nos demos conta do desperdício que isso era. Nós começamos a perceber que os alimentos cresciam tanto em árvores quanto nas gramíneas, que o espaço cúbico ocupado por uma castanheira conseguiria produzir mais nutrientes do que o espaço linear abaixo dela. Claro que ainda temos nossos campos de trigo, mas ao redor de cada área exposta, há um largo cinturão de gramado e árvores e cada rio ou riacho é amplamente margeado por gramado, árvores ou arbustos⁸. (Gilman, 2011, p. 72, tradução própria)

A visão da autora, expressa no romance estudado, revela uma preocupação com o uso indiscriminado do meio natural como simples provedor das necessidades humanas. Em sua utopia, Gilman imagina um mundo sem a exploração ambiental e livre do

⁶ "Look at the water!" I cried, suddenly. "It's clear!" (Gilman, 2011, p. 26).

⁷ "Our views of education have changed you see," she replied; "and our views of human relation to the animal world; also our ideas of pleasure. People do not think it a pleasure now to watch animals in pain" (Gilman, 2011, p. 59).

⁸ You see, in our earlier kind of agriculture the first thing we did was to cut down the forest, dig up and burn over, plow, harrow, and brush fine — to plant our little grasses. All that dry, soft, naked soil was helplessly exposed to the rain — and the rain washed it steadily away. In one heavy storm soil that it had taken centuries of forest growth to make would be carried off to clog the livers and harbors. This struck us all at once as wasteful. We began to realize that food could grow on trees as well as grasses ; that the cubic space occupied by a chestnut tree could produce more bushels of nutriment than the linear space below it. Of course we have our wheat fields yet, but around every exposed flat acreage is a broad belt of turf and trees; every river and brook is broadly bordered with turf and trees, or shrubs" (Gilman, 2011, p. 72-73).

sofrimento de animais, no qual o desenvolvimento social caminha em conjunto com a sustentabilidade. Essa característica está de acordo com uma visão ecofeminista, ou seja, aquela na qual há a influência das ideias e das práticas tanto feministas quanto ambientalistas (Delveaux, 2004). Apesar do ecofeminismo⁹ ter surgido como um ramo do feminismo apenas na década de 1980, cerca de 70 anos depois da publicação de *Moving the Mountain*, vemos, na obra, indícios de que ela se trata de uma utopia ecofeminista, já que a sociedade imaginada por Gilman está livre da misoginia e da exploração ambiental.

v. As soluções para a melhoria da sociedade são práticas e poderiam de fato ser implementadas.

Um bom exemplo de solução que poderia de fato ser implementado e traria grandes benefícios para a sociedade reside no modo como o trabalho é organizado no romance. Nellie explica para John, ainda no final do segundo capítulo, que ninguém precisa trabalhar mais de duas horas por dia e que, no entanto, a maioria das pessoas trabalha quatro. A grande redução da carga horária de trabalho em comparação à realidade é algo que facilita às pessoas equilíbrio entre a vida profissional e a pessoal, permitindo que todos tenham tempo para se dedicar à família, à arte ou a outras atividades que desejem. Há, no capítulo sete, uma alusão ao modelo de trabalho em um momento no qual um dos cidadãos dessa sociedade conversa com John dizendo:

Nós costumávamos pensar que as pessoas odiavam trabalhar - mas nada do tipo! O que as pessoas odiavam era trabalho demais, o que é a morte; trabalho para o qual elas estavam despreparadas e, portanto, não gostavam, o que é tortura; trabalho em condições inadequadas, o que é adoecedor; trabalho considerado desprezível e menosprezado pelas outras pessoas, o que é um grande sofrimento social; e trabalho tão mal pago que nenhum ser humano poderia de fato viver com ele¹⁰. (Gilman, 2011, p. 56, tradução própria)

Um fato que evidencia a aplicabilidade dessa solução é o fato de ela já estar sendo discutida e implementada em diferentes países (BBC News Brasil, 2024). Segundo Ryle e

⁹ Segundo Deuveaux (2004), o ecofeminismo considera que as crenças e as instituições que oprimem as mulheres são as mesmas que exploram o meio ambiente e causam prejuízos à natureza.

¹⁰ "We used to think that people hated work — nothing of the sort! What people hated was too much work, which is death ; work they were personally unfit for and therefore disliked, which is torture ; work under improper conditions, which is disease; work held contemptible, looked down upon by other people, which is a grievous social distress ; and work so ill-paid that no human beings could really live by it" (Gilman, 2011, p. 56).

Soper (2016), a redução da jornada de trabalho, similarmente, encontra-se relacionada a ideais ambientais que preveem uma sociedade menos consumista e na qual os cidadãos têm mais tempo livre para se dedicar às artes e às relações pessoais, exatamente conforme descrito na utopia de Gilman. Os autores destacaram outras ficções utópicas que também possuem a transformação do trabalho de forma integrada à visão da restauração ambiental, incluindo *Woman in the Edge of Time*, de Marge Pierce, que, segundo Delveaux (2004), também se trata de uma utopia ecofeminista.

Considerações finais

Após analisar a obra *Moving the Mountain*, de Charlotte Perkins Gilman, à luz da teoria das utopias feministas e com o auxílio da Análise de Sentimentos, percebemos que a escolha de John Robertson - um homem que é produto do sistema patriarcal que Gilman questiona - como personagem principal e narrador da história revela-se bastante significativa. Além de ser um estrangeiro naquela sociedade, característica típica das utopias, por ser um exemplo da sociedade que foi superada, ele representa um importante contraponto entre ambas. As críticas advindas do narrador e a forma como ele enxerga as mudanças implementadas são um modo de discutir as alterações que a autora propõe para a sociedade na obra de ficção. Ao mesmo tempo, sua irmã, Nellie, sendo um produto da sociedade utópica retratada na narrativa, torna-se uma contraposição entre aquilo que John espera, especialmente das mulheres na sociedade, e uma personificação da utopia relatada, ou seja, o que a autora deseja em relação a esse mesmo assunto.

Neste cenário, a dinâmica entre John e Nellie destaca, de um lado, a visão patriarcal típica da sociedade que a autora critica e, de outro, o ideal feminista de Gilman. Viajar pelo mundo que a escritora imaginou e descreveu em palavras através do olhar de John e da orientação de Nellie autoriza, portanto, o leitor a experienciar, por meio das reações emocionais do narrador, o impacto e o alcance das reformas utópicas.

Ao longo da trajetória de John, fica claro que algumas mudanças que transformaram a sociedade na utopia de Gilman foram mais fáceis para o narrador aceitar, enquanto outras se mostraram mais difíceis. A Análise de Sentimentos permitiu avaliar como as alterações propostas por Gilman impactaram John, indicativos de como a autora esperava que essas alterações fossem recebidas pelo patriarcado.

Compreende-se, em conformidade com o argumentado no presente estudo, que as alterações nos papéis de gênero afetaram o narrador com sentimentos mais negativos, enquanto as melhorias na educação foram vistas por ele de forma mais positiva. Entretanto, mesmo que algumas mudanças tenham sido mais difíceis de aceitar do que outras, ao longo da narrativa, John vai aprendendo sobre a nova sociedade e sendo sensibilizado pelas ideias utópicas, concluindo sua jornada de renascimento.

Eu viajei por aí, visitando diferentes lugares, conversando com todos os tipos de autoridades, fazendo anotações e registrando objeções. Era tudo muito interessante e se tornou ainda mais à medida em que parecia menos estranho. Minha sensação de irrealidade, como se eu estivesse em um teatro, deu lugar a uma crescente valorização da beleza universal ao meu redor¹¹. (Gilman, 2011, p. 91, tradução própria)

Ao analisar a obra avaliando como as cinco características que aproximam as utopias feministas do movimento feminista em si, conforme proposto por Johns (2010), verificou-se que, no romance em destaque, tais características acham-se presentes. A primeira particularidade, o fato de a educação e o desenvolvimento intelectual serem vistos como pontos centrais para o empoderamento feminino, evidencia-se como a característica mais proeminente na obra, tendo uma grande importância na narrativa e, como já mencionado anteriormente, se expressando com sentimentos positivos do narrador. A quarta característica, o fato de o meio natural não humano ser entendido como dinâmico em vez de ser visto um recebedor inerte dos impulsos humanos, também, está muito presente na obra e ajuda a compreender como, além de se tratar de uma utopia feminista, algo já enfatizado por outros autores, incluindo Booker (1994), o romance *Moving the Mountain*, neste enquadramento teórico, corresponde a uma utopia ecofeminista, que propõem mudanças que beneficiam tanto mulheres como também o ambiente natural ao imaginar um mundo livre da misoginia e da exploração ambiental.

Assim sendo, a análise proposta no presente estudo salienta a relevância do romance *Moving the Mountain* como uma obra importante nos estudos das utopias feministas que, afora projetar um novo mundo possível, denuncia as limitações do mundo real, ainda presentes nos dias de hoje.

¹¹ "I traveled about, visiting different places, consulting all manner of authorities, making notes, registering objections. It was all interesting, and grew more so as it seemed less strange. My sense of theatrical unreality gave way to a growing appreciation of the universal beauty about me" (Gilman, 2011, p. 91).

Referências

- BBC NEWS BRASIL. As experiências de outros países com jornada de trabalho reduzida. **BBC**, 15 de novembro de 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3rx779wr37o>. Acesso em: 23 de maio de 2025.
- BOOKER, M. K. **Dystopian literature**: a theory and a research guide. Londres: Greenwood Press, 1994.
- BOOKER, C. **The seven basic plots**: why we tell stories. Londres: Continuum, 2004.
- DELVEAUX, M. The biologisation of Ecofeminism? On science and power Marge Piercy's Woman on the Edge of Time. **Green Letters**, v. 5, n. 1, p. 23-29, 2004.
- GILMAN, C. P. **The Herland Trilogy**: Moving the Mountain, Herland, With Her in Ourland. Blacksburg: Wilder Publications, 2011.
- JOHNS, A. Feminism and utopianism. In: CLAEYS, G. **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 174-199.
- MADHUSUDANA, P. N. Utopian and dystopian literature: a comparative study. **Journal of Creative Research Thoughts**, v. 6, n. 4, p. 88-95, 2018.
- MADIGAN, J. C. The education of girls and women in the United States: a historical perspective. **Advances in Gender and Education**, Pennsylvania, v. 1, p. 11-13, 2009.
- MORETTI, F. **A literatura vista de longe**. Tradução de Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.
- RYLE, M; SOPER, K. Introduction: the ecology of labor. **Green Letter: Studies in Ecocriticism**, Londres, v. 20, n. 2, p. 119-126, 2016.
- SERGIO FERREIRA, R. S. A técnica na análise de obras literárias. In: MONTEIRO, A.; TEIXEIRA, P. B. **A Literatura e seus outros**. 1. ed. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2024, p. 65-78.
- TUTTLE, J. S.; KESSLER, C. F. **Charlotte Perkins Gilman**: new texts, new contexts. Ohio: The Ohio State University Press. 2011.
- VIEIRA, F. The concept of utopia. In: CLAEYS, G. **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 3-27.

Data de submissão: 30/05/2025
Data de aceite: 02/09/2025

